

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contêm embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeila Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRUNS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”

Lídia Maria Nazaré Alves

UEMG - Unidade Carangola
Carangola- MG

Ivete Monteiro de Azevedo

UEMG - Unidade Carangola
Carangola- MG

Ana Maria de Carvalho Leite

Escola do Futuro
Manhumirim - MG

a verdade está na tensão entre o universal e o particular e a sua busca pauta-se na leitura monadológica do particular. Contudo, a leitura do particular como mônada só é possível porque o particular comporta uma dimensão alegórica, quer dizer, não se esgota em si mesmo, pois ao falar de si também fala de outra coisa. Na alegoria, o elo com o significado é fruto de uma laboriosa construção intelectual e remete sempre a uma pluralidade de possíveis interpretações (SOUZA, 1997, p. 331)

RESUMO: Em estudos sobre a marca da crise em romances contemporâneos, a crítica Lúcia Helena observa que alguns elementos da tragédia grega são utilizados a fim de viabilizar questionamentos sobre o homem. Objetivou-se, neste artigo, verificar se a escritora moçambicana, Paulina Chiziane, serviu-se do mesmo procedimento para narrar o seu romance “Ventos do apocalipse”, considerando-se que o romance pode ser entendido como uma escrita

da crise. Entendeu-se que houve resgate de elementos da tragédia, a fim de promover acurada reflexão sobre marcas de imposição cultural da matriz colonizadora ibérica e também norteamericana no povo moçambicano, desestabilizando suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: elementos do trágico; guerra; imposição cultural; fragmentação; identidade; Ventos do Apocalipse

ABSTRACT: In studies about the mark of the crisis in contemporary novels, the critic Lúcia Helena observes that some elements of the Greek tragedy are used in order to make possible questionings about the man. The objective of this article was to verify if the Mozambican writer, Paulina Chiziane, used the same procedure to narrate her novel “Winds of the apocalypse”, considering that the novel can be understood as a writing of the crisis. It was understood that there were rescues of elements of the tragedy, in order to promote accurate reflection on the cultural imposition marks of the colonizing Iberian and North American matrix in the Mozambican people, destabilizing their identities.

KEYWORDS: tragic elements; war; cult imposition; fragmentation; identity; Winds of the Apocalypse

1 | O RESGATE DO TRÁGICO

Ao discutir sobre a ficção da crise em *O drama ilimitado e autodefinidor da ficção*, Lúcia Helena (2005) utiliza-se do romance *A marca humana* (*The human stain*, Roth, 2000) para fazer ver que o pensamento trágico e o sentimento da crise são aspectos inovadores em algumas poéticas da contemporaneidade, principalmente, e que esses elementos viabilizam um novo movimento de reflexão sobre a escrita e a dramaturgia da subjetividade. Para Lúcia Helena esses dois aspectos fazem compreender melhor como a literatura contemporânea apresenta críticas, projetos, hipóteses, avaliações e rediscussões dos valores artísticos, políticos, econômicos e culturais, mas não só, ela considera ainda que o insistente ‘elogio das diferenças’ étnicas e de gênero não são suficientes para conduzir ao surgimento de uma consciência social mais atenta ao todo, e capaz de reacender a necessidade de um alerta que nos envolva em um sentimento íntimo da coletividade de forma que sejam recuperados elos comunitários, para que se possa enfrentar o disseminado sentimento de dispersão que se tem abatido sobre a consciência. (HELENA, 2005, p.94).

Além desta necessidade de alcance social tão bem articulada e comprometida com valores humanos, via literatura, a crítica ainda manifesta seu interesse neste tipo de estudo, porque acredita que as ficções da crise “denunciam os sintomas de uma grande crise nas relações entre os homens e o mundo, examinando contradições profundas e inconsistências nas relações entre o ser e a essência” (HELENA, 2005, p.96)

Gostaria de reforçar tais reflexões, a partir da leitura de “Ventos do apocalipse” da escritora moçambicana, Paulina Chiziane escrito em (1995), que acredito ser uma escrita feminina da crise. Segundo Nelly Richard (1980, p. 33) a escrita feminina expressa de forma realista situações da vida que foram experimentadas pela mulher, ou apresentam personagens que são exemplos de tomada de consciência anti-patriarcal. O romance de Paulina apresenta essas características:

1. É fruto de uma experiência de vida: a guerra civil e outros conflitos que foram desencadeados após a Independência, pela RENAMO e pela FRELIMO.
2. Apresenta a personagem narradora Minosse, fazendo a travessia da resignação para a liberdade de ação e expressão;
3. o personagem Sixpense realizando sua travessia, da individualidade para a coletividade;
4. o desejo dos velhos de construir uma nova história;
5. o sentimento de coletividade e solidariedade em torno do nascimento do filho de Doane e da receptividade dos mais necessitados.

O gênero que se adequa com mais propriedade à escrita que tematiza uma crise cultural em andamento é a tragédia, (CF VERNANT, 2001) por tratar-se de um texto que propõe

1. questionamentos,

2. uma mensagem a ser decifrada, tanto a partir das razões da inquietação do homem, como na sua maneira de representar tais inquietações, via teatro.

Neste gênero o diálogo era imprescindível e objetivava encenar as ambigüidades da linguagem. Como a tragédia é contemporânea do nascimento da cidade com suas leis, o motivo dessa ambigüidade da linguagem era levantar um questionamento sobre a lei antiga e a nova lei que começava a se desenvolver na Grécia. (CF VERNANT, 2001)

Na lei antiga o herói ficava à mercê do capricho dos Deuses e a justiça era feita a partir do derramamento de sangue.

Na nova lei o homem era chamado à refletir sobre as suas responsabilidades, porque na cidade ele era o sujeito da sua história. Qualquer infração seria julgada pelo Tribunal. (CF. VERNANT, 2001) Essa relação entre responsabilidade e julgamento via reflexão sobre o modo de articulação da obra é que faz com com Lúcia Helena acredite que o pensamento trágico possa nos alertar e nos envolver em um sentimento íntimo da coletividade. Escolhi Paulina Chiziane porque ela faz ver melhor as consequências perversas da imposição de valores culturais quando não se leva em conta uma articulação dialógica entre o antigo e o novo.

Na abertura de “Ventos do Apocalipse” há um prólogo sob o qual aparece um convite do destino. Ele diz “Vinde todos e ouvi/Vinde todos com as vossas mulheres/e ouvi a chamada./Não quereis a nova música de timbila/que me vem do coração?”. A partir deste ponto o destino começa a contar três histórias que considero o embrião da narrativa maior “Ventos do apocalipse”. Ele diz: “Quero contar-vos histórias antigas, do presente e do futuro porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que hão de nascer. Eu sou o destino” (CHIZIANE, 1995, p. 15).

Nessa história ele nos conta:

que Mananga fôra um paraíso:

que os homens obedeciam as leis da tribo.

que os reis tinham poderes sobres as nuvens.

que o negro dialogava com os deuses da chuva.

Mas que diante das infâmias das novas gerações os deuses começaram a vingarse e a maldição tomou conta da cidade.

A segunda história fala da guerra e de como os pais matavam os filhos para evitar que o choro atraísse o inimigo “Nos momentos de perigo, a solidariedade é a lei: ou morre um por todos ou todos por um” (CHIZIANE, 1995, p. 19)

A terceira fala da beleza de Massupai, a negra sereia das terras chopes. Uma linda jovem que se unira a um general e em nome desse grande amor matara seus próprios filhos e traíra sua própria tribo, conseguindo informações que a levaram à ruína sob as ordens do general. Todavia o grande soberano Muzila fôra alertado que seu trono estava ameaçado por esse general. Muzila manda matá-lo e seu

corpo é abandonado sem direito ao túmulo. A bela sereia enlouquecida revolve as sepulturas em busca de seus filhos.

Essas histórias – espécie de lendas - que pertenciam ao passado e atravessaram as gerações estavam gravadas no imaginário Moçambicano. Eram contadas dos antigos para os jovens, oralmente. Portanto, esta marca de oralidade, relegada a segundo plano, na ótica do colonizador, vem à tona no romance. É, pois, uma característica da literatura africana-moçambicana. Elas fazem parte do *corpus* do romance “Ventos do Apocalipse” e funcionam também como prólogo. Num processo de metaficção Paulina as recupera, já a partir da primeira parte de “Ventos do Apocalipse”, para retomar a velha ideologia, construída por tinta colonizadora, que aponta o negro e afrodescendentes como destinados ao sofrimento.

Os leitores desatentos objetariam dizendo que, de fato, os sofrimentos narrados pelo destino repetiram-se. Repetiram-se, no âmbito textual, mas Paulina não os retoma sem nos fazer entender que sua repetição é construída pelo homem, não se trata de algo predestinado, como pode parecer ao leitor apressado. O texto literário se nos abre como um espaço de questionamento sobre vidas, sobre destinos. O fato interessante e que confirma o pensamento de Lucia Helena é o resgate da tragédia Grega tanto no que diz respeito ao seu modo de construção –o assunto da tragédia era buscado no passado Grego (CF.VIDAL-NAQUET & VERNANT) - , quanto no que diz respeito ao desenvolvimento temático. Nesse prólogo encontramos os mesmos elementos de duas tragédias Gregas de Sófocles: Édipo-Rei e Antígona. De Édipo-Rei temos: A prosperidade antiga “Mananga era terra de paraíso” assim como Tebas antes da morte de Laio (CHIZIANE, 1995, p.16); O crime das novas gerações assim como a crime de Édipo; A calamidade assim como a peste; A morte dos inocentes assim como o desterro de Édipo. De Antígona temos o corpo do General exposto sem direito a sepultura, assim como o corpo de Polinices igualmente exposto por Creonte que o julgara traidor.

Esses mesmos elementos são encontrados no *corpus* da narrativa maior “Ventos do Apocalipse”. Na primeira parte reconhecemos a calamidade a partir da onisciência seletiva (CF.CHIAPPINI, 2001, p. 54) da narradora Minosse que diz “— Que noite! Que pesadelos terríveis! Os sonhos malditos são o presságio dos dias de amargura, isso são. Morre o fogo, morre o fumo, a vida é apenas cinza e pouco falta para que dela não reste um pedaço de pó. Que noites as minhas!” (CHIZIANE, 1995, p. 25). Há guerra nas proximidades de Mananga. Há homens escondidos na floresta.

Diante da calamidade os homens procuram suas possíveis causas no afã de resolver o problema. Procurar as possíveis causas é atender ao apelo ideológico textual, conduzindo ao leitor ao mesmo gesto.

Sianga o antigo Régulo, tenta reconquistar o poder que lhe fôra tirado e para isso precisa atrair o olhar do povo para a sua antiga superioridade. Diz que tem o poder de conversar com os defuntos e que a retomada de antigos rituais trará a chuva. “Criou-

se um tribunal para julgar os culpados e realizar a purificação.” (CHIZIANE, 1995, p. 92). Os feiticeiros seriam julgados em praça pública.

Mas a culpa recaiu sobre a mulher. Elas teriam que procurar os ossos dos recém-nascidos que abortaram para enterrá-los em lugar decente. Cavaram toda Mananga com suas próprias mãos. Praticaram a dança da chuva o “mbelele”, sacrificaram “um galo e uma galinha virgens”. Tudo em vão porque não se lembram mais como fazê-lo. Foram aculturados Assim diz a narradora:

Os costumes e as tradições sofreram alterações nos últimos séculos. As gentes ouviram as palavras dos homens vindos do mar e transformaram-se; abandonaram os seus deuses e acreditaram em deuses estrangeiros. Os filhos da terra abandonaram a tribo, emigraram para terras estrangeiras e quando voltaram já não acreditavam nos antepassados, afirmaram-se deuses eles próprios (CHIZIANE, 1995, p. 60).

Note-se que o apelo à reflexão está explícito no texto, conferindo-lhe um tom documental, neorrealista. Fique isso por conta da necessidade de escrever uma obra em caráter de urgência, haja vista necessidades reais de um povo. Com efeito, observa-se também um tom de deboche, como quem apontasse o dedo para a complexidade da diversidade cultural que tende à desintegração da identidade.

Por isso na hora do desespero não sabem o que fazer. Nem estão ligados ao passado nem estão integrados ao presente. Estão nas mãos de um destino construído, mas nem sempre percebido por quem é manipulado: “Não se pode fugir do Destino (...) Vá com os deuses, minha filha – diz Minosse a Wuscheni -, que os defuntos te protejam” (CHIZIANE, 1995, p. 85). Daí o dilema do povo e a recuperação do homem dilacerado da tragédia Grega (CF.VERNANT, 2001). Há guerra em Macuácu e os retirantes são exilados em Mananga, os de Mananga recebem os de Macuácu muito mal. Os quatro cavaleiros do apocalipse invadem Mananga. São os próprios filhos da terra: Manuma, Castigo, Madala e Jonana, todos liderados pelo antigo Régulo Sianga. Fazem uma matança, mas são derrotados, punidos. A história de Sianga lembra a história de Édipo. Enquanto heróis do passado eram respeitados por suas divindades, mas enquanto heróis da tragédia devem ser abandonados, afinal eles são os responsáveis pela vida de todo um povo. Sobre Sianga diz a narradora: “Ontem, este povo proclamou e coroou Sianga. Depois crucificou-o. Voltou a realizar uma coroação clandestina e agora crucifica-o de novo” (CHIZIANE, 1995, p. 124) Mas agora, nesse novo tempo, “a justiça é monopólio dos eleitos e é ele quem deve exercê-la” (CHIZIANE, 1995, p. 125). O chefe da aldeia entrega a Sianga a cadeira de Régulo e todos os ornamentos. Antes de morrer Sianga diz: “Não tive culpa. A ambição é por vezes mais forte que o homem.” (CHIZIANE, 1995, p. 27) com sua morte, diz a narradora: “Cumriu-se o vaticínio dos deuses, a predição dos antigos” (CHIZIANE, 1995, p. 29). Como a narradora escreve entre a seriedade que a realidade pede e a ironia própria de quem tem consciência de que o destino é construído pela mão dos

homens, não pára aí. Com a morte de Sianga e a peste um grupo procura construir seu novo destino. Foge para o Monte.

A viagem dura vinte e um dias. (CHIZIANE, 1995, p. 182). Mananga estava destruída, seus monumentos, suas igrejas, sua história. Só restara àquele grupo a memória. Os velhos compreendem melhor a importância da memória para manter viva a história de um povo, por isso são eles que partem. Era necessário recomeçar a partir do ato de transmissão oral da antiga história. Já que seus agentes ativadores (CF BOSI, p.54) estavam destruídos.

O romance em si é uma alegoria da guerra civil e outros conflitos que aconteceram em Moçambique. Nessa parte da travessia do grupo de fugitivos para o Monte, há outra alegoria. Trata-se de retomada da travessia do povo hebreu, preso no Egito, para Canaã, terra prometida. Um povo em busca da construção da sua história. Uma nova história. Novamente Paulina translada uma história do passado para o presente.

A travessia é liderada por Sixpense, o herói escolhido pelo grupo. Essa personagem é muito importante porque renuncia-se a si mesmo, ao seu individualismo para conduzir aquele grupo de velhos, segundo a narradora “inúteis que ainda guardam no peito a ilusão de um pedaço de vida.” (CHIZIANE, 1995, p. 154-7157) Desde Nietzsche sabemos que “a individuação é a causa primeira de todo mal” (NIETZSCHE, 2005, p.70). E que a arte é “a esperança jubilosa de que possa ser rompido o feitiço da individuação, como pressentimento de uma unidade reestabelecida” (NIETZSCHE, 2005, p.70). A partir da construção de Sixpense, Paulina faz eco a voz de Nietzsche. Além de Sixpense, Minosse antiga esposa de Sianga, subjugada por ele é quem vai à frente do grupo. Na travessia para o Monte, ela é uma espécie de morta viva por isso é a escolhida para **nos** revelar os horrores da guerra e a impotência do homem diante do destino, quero dizer, do progresso da técnica utilizado para matar: os aviões que bambardeiam, o fogo que vem de todos os lados, as crianças que ficam à mercê do “destino”, a covardia de quem está no poder, a situação limite a que chega o homem na luta pela vida.

Mas a a arte de Paulina vai mostrando que uma nova história deve ser construída sobre os escombros e nessa nova história o homem precisa mudar de atitude, romper a individuação e abraçar a coletividade. Sua arte faz ver o que Lúcia Helena chamou uma nova dramaturgia da subjetividade. Nos vinte e um dias de desespero o grupo vai mudando o seu modo de pensar e de agir. A travessia geográfica impulsiona a travessia humana. Doane, seguindo a lenda antiga, queria matar o filho temerosa que seu choro atraísse o inimigo. Ninguém concordou. Sixpense arrisca a sua vida para salvar uma criança identificada inicialmente como bicho das suas características: cagada, mijada, crostas de sangue coagulado sobre todo o corpo e tentando colar a cabeça decepada da mãe ao seu corpo em estado de putrefação (CHIZIANE, 1995, p. 169) Sixpense segura a criança nos braços e sobre essa cena diz a narradora: “Sixpense é um herói e um campeão, ensina a lição da humanidade sem uma única palavra. As mulheres olhan-no e choram. Os homens veneram-no, a vida é assim,

muitos destroem e só poucos têm coração para construir” (CHIZIANE, 1995, p. 170). A guerra não estava só em Mananga. Em todos os lugares por onde eles passavam havia “a canto incessante das metralhadoras” (CHIZIANE, 1995, p. 161). Ao chegarem ao Monte foram bem recebidos e se lembraram de como receberam mal os refugiados de Macuácuá em Mananga. A narradora nos diz: “Fizeram isso – receberam mal os de Macuácuá – porque nunca imaginaram que um dia passariam pelo mesmo caminho” (CHIZIANE, 1995, p. 190). Minosse adota três crianças, atravessa da morte para a vida, e experimenta a paz. (Cf. P. 231)

O desespero impulsiona à busca das possíveis causas da vingança dos deuses. A cada momento a culpa recai sobre os ombros de alguém: sobre as mães, os régulos, Deus, os defuntos, sobre eles mesmos que não souberam se defender, “os culpados são todos. O culpado não é ninguém. A culpada é a imperfeição da natureza humana. O homem ama a sua própria vida mas desde o princípio do mundo que se diverte em tirar as vidas alheias” (CHIZIANE, 1995, p. 205). Assim Paulina vai conduzindo os questionamentos próprios de uma escrita da crise. Há tensão na vida daquele povo e esta tensão aparece nos questionamentos feitos ao longo da travessia.

— Pai Mungoni, somos seus filhos, não se canse de nos ensinar. Que análise faz da história de mananga?

— Muito simples. O que aconteceu em Mananga foi um confronto do novo com o velho. Se para o Sianga o problema foi o poder, para o povo foi um problema de identidade, um problema de cultura. Foi o povo que manteve acesa a discórdia entre o velho e o novo. Separaram-se da raiz, aderiram ao novo porque traziam a boa nova. Quando os problemas atingiram o extremo regressaram ao velho porque está mais próximo de sua visão de vida e de mundo. Voltaram a abandonar o velho porque não correspondia às suas expectativas. Como penas de ave, voavam para cá e para lá ao sabor do vento porque se desprenderam da raiz. O que o povo queria era achar o ponto de equilíbrio. É assim que se manifesta a vingança dos espíritos. A instabilidade é o preço de todos os pecados.” (CHIZIANE, 1995, p. 268)

2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Monte experimentaram a paz, a alegria e desejaram festejar. Ofereceram animais e comidas aos defuntos, e se vestiam com as melhores roupas para a missa que o padre celebraria. No início da missa uma saraivada de fogo destruiu a vida de todos. Emelina, uma alegoria da bela chope Massupai, trai todo o grupo. A história do passado se repete. O grupo conheceu o seu Armagedon.

O Pharmakós de Édipo foi o desterro, é verdade. Mas o pharmakós de Antígona e do povo hebreu foi a morte. O povo hebreu que chegou a Canaã não tinha mais um líder. Moisés apenas avistou a terra prometida, mas não pôde pisar em seu solo sagrado, porque duvidou que da rocha brotaria água, uma vez que Javé ordenara bater nela com seu cajado.

E então temos diante de nós a partir da polifona e do dialogismo uma pequena

porção do mundo desenhado pelos dedos alegóricos e irônicos de Paulina Chiziane. Ela sabe os motivos que desencadeiam a guerra e a crise porque passa aquele povo. Na tensão entre suas palavras compreendemos que a verdade deturpada a serviço do poder desencadeia a alienação que subjuga os habitantes de Mananga, e, conseqüentemente de todo o mundo. Por isso precisamos buscar a verdade. Só a verdade do homem que se manifesta através da cultura pode ajudar-nos a “enfrentar o disseminado sentimento de dispersão que se tem abatido sobre a nossa consciência.” (HELENA, 2001)

REFERÊNCIA

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BAKTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: teoria do romance**. 4ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

DERRIDA. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras. 1991.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva. 1991.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Atual, 1986.

HELENA, Lúcia. **Nem Musa, Nem Medusa: Itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói, RJ – 1997.

HELENA, Lúcia. *O drama ilimitado e autodefinidor da ficção* in.: **Matraga**: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/ universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005.

NIEETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras. 1992.

PAZ, Octávio. **Convergências: Ensaio sobre arte e literatura**. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

SARLO, Beatriz. **Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte videocultura em la Argentina**. Buenos Aires: Companhia Editora Calpe Argentina S.A./Ariel. 1994.

SOFOCLES. **Antígone**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SOFOCLES. **Édipo-Rei**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre & NAQUET, Vidal. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. Perspectiva.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre Mitos e políticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

